

NOIR MULTITEMPORAL: A INTUICIONISTA, DE COLON WHITEHEAD

Wibsson Ribeiro Lopes (doutorando em Teoria e história literária pela Unicamp)

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre tópicos que surgem da leitura do romance *A intuicionista*, de Colson Whitehead, que inicialmente parece ser apenas um romance Noir, mas aos poucos vai se revelando uma narrativa atípica, com recursos que engendram um mundo de multiplicidade temporal. Questões como racismo, neoliberalismo, desigualdade social e finalmente até mesmo problemas envolvendo o ato da escrita e do estudo, passando por conflitos políticos e conflitos entre formas de pensamento aparecem no romance de forma original. Pretendemos mostrar como a obra consegue rejeitar delimitações e definições fechadas, resistindo a interpretações que a enclausure. *A intuicionista* é um romance onde os erros e acasos são vistos como produtivos, oferecem interpretações e saídas práticas um romance sobre como o leitor é parte, no corpo a corpo com a obra, da construção de sua força.

Palavras-chave: Noir. Afrofuturismo. Alegoria. Literatura Contemporânea.

MULTITEMPORAL NOIR: THE INTULTITEMPORAL NOIR: THE INTUICIONIST, FROM COLSON WHITEHEAD

ABSTRACT

This article intend to reflect about topics that come from the reading of *The Intuicionist*, from Colson Whitehead, that initially seems just like a Noir Novel, but slowly goes to reveal itself as an atypical narrative, with means that engenders a world of temporal multiplicity. Questions like racism, neoliberalism, social inequality e finally even problems concerning the act of writing and studying, passing through political conflicts and conflicts between forms of thoughts appear on the novel in a original way. We intend to show how a work can reject closed delimitations and definitions, resisting to interpretations that enclosure it. *The Intuicionist* is a novel where the errors and fortuities are seem like productive, offering interpretations and practical solutions, a novel about how the reader is part, in the infighting with the work, to the construction of its strength.

Keywords: Noir, Afrofuturism. Allegory. Contemporary literature.

A primeira impressão diante do romance de estreia de Colson Whitehead é a de que estamos frente a um romance Noir, com um crime e uma conspiração a ser desvendada, em uma cidade escura e selvagem, suja e perigosa. A estrutura de uma história de crime de fato está presente, mas logo se revela ao leitor que percorremos uma narrativa muito mais próxima do modelo pós-moderno: aberta, confusa e ao final provando-se também relacionada diretamente ao ato da escrita e da leitura. A sofisticação das descrições da cidade onde a intriga se passa, no entanto, é exemplar de um intuito forte em conceber uma atmosfera digna de um romance *hard boiled*, com os percursos realizados pelos personagens servindo como itinerários por um mundo obscuro. Um exemplo, logo da primeira página:

Ela não sabe o que fazer com os olhos. A porta da frente do prédio é cheia de cicatrizes e arranhada demais para se olhar, e a rua atrás dela está provavelmente vazia, como se a cidade tivesse sido evacuada e ela fosse a única que não ficara sabendo (WHITEHEAD, 2018, p11).

Ou, mais adiante na trama, em uma cena de tortura e chantagem:

Ben percebe que o carro está indo para o centro da cidade, penetrando a membrana do tráfego pós-teatro. As luzes dos semáforos são inclementes a essa hora da noite, misteriosas e caprichosas como se intimidadas por essa última indignidade que são os cidadãos e seus veículos (WHITEHEAD, 2018, p.98).

Ou ainda, em um momento mais próximo do final da narrativa, quando Lila Mae Watson (note-se o mesmo sobrenome do famoso parceiro do clássico personagem Sherlock Holmes), a protagonista, faz uma caminhada noturna:

Em intersecções e áreas muito populosas entre sedás e caminhões, o esgoto refletia os amargos tons pastel do neon metropolitano, arco-íris eram cortados na terra e poeira. Lila Mae seguiu uma trilha de tocos de cigarro. Subindo um quarteirão e contornando a esquina e ainda mais além. Ela estava perdida. Não era uma trilha deixada por um só indivíduo, por uma só coisa, e tocos de cigarro não são confiáveis como pegadas. Haviam sido banidos para o pavimento, jogados ali por multidões de cidadãos, de diferentes marcas, alguns com resquícios de batom ou ensopados de saliva, meio fumados ou queimados até o filtro. Sempre havia mais alguns passos adiante. Talvez levassem ao metrô: ela

precisava chegar em casa e não lembrava onde estava o metrô. Sobre uma coisa Lila Mae estava certa. Os cigarros de fato levavam ao metrô. Levavam para qualquer lugar a que qualquer pessoa tivesse caminhado. Era sua primeira semana naquele trabalho. (WHITEHEAD, 2018, p.215)

As descrições quase sempre capricham em detalhes inquietantes; uma trilha de tocos de cigarros, um esgoto refletindo tons pasteis, uma membrana de tráfego pós-teatro. A cidade é descrita como o típico cenário de uma história Noir, mas com adjetivos criativos que sempre estão à serviço de uma sensação de deslocamento e de desconforto. A cidade, aliás, jamais tem sua designação especificada. Provavelmente é uma Nova York paralela, em um passado alternativo anterior às lutas pelos direitos civis nos anos 1960. É uma indefinição que contribui para o sentimento de estarmos lidando com algo que é próximo de nosso conhecimento histórico e ao mesmo tempo desconhecido. Daniel Grausman enxerga não só uma indefinição, mas a construção de um senso de multitemporalidade, no qual o conceito de contemporâneo é complicado. O autor entende que este recurso à multitemporalidade utilizado pelo autor é adequado a um momento em que questões econômicas muito específicas alteraram nossa percepção do que é de fato o presente, entendendo tal multitemporalidade como resultado de um mundo neoliberal (GRAUSMAN, 2017, p.118). Grausman inclusive põe em dúvida se estamos mesmo em uma Nova York das décadas de 1950 ou 1960. Para justificar sua opinião, argumenta que o senso de estranhamento temporal construído por Colson Whitehead se dá através de um excesso de objetos e eventos de diversas temporalidades: os *gangsters* do romance parecem saídos dos anos 1920; o artefato misterioso chamado de "caixa preta" e a retórica de modernidade envolvida nas suas promessas de desenvolvimento se assemelha aos argumentos e ao formato dos discursos em torno da web 1.0 empregado por seus entusiastas nos anos 1990; não há aparelhos de comunicação mais avançados que rádios; os protestos mencionados em alguns momentos parecem se referir as rebeliões que ocorreram em 1964, no Harlem e além disso tudo há referências aos anos 1980 e muitas outras épocas e situações que confundem a percepção do leitor, sempre desestabilizando qualquer senso histórico mais sólido (GRAUSMAN, 2017, p.121-122).

Poderíamos dizer com Mark Fisher que o romance *A intuicionista* nos apresenta indiretamente a visão de um "futuro perdido" (FISHER, 2014). Para Fisher, algumas obras e locais podem nos trazer a visão de temporalidades alternativas, não a absoluta certeza do que acontecerá no futuro, mas o que poderia ter acontecido, uma realidade distorcida em relação a nossa, com possibilidades que se perderam na história. A fábula escrita por Whitehead apresenta uma década de 1960 alternativa, com uma tecnologia que não se desenvolveu em nossa realidade, apresentando, portanto, um passado alternativo, que evoca portanto a possibilidade de outro futuro. Cabe então não perder de vista a dimensão socioeconômica presente no livro. *A intuicionista* é uma ficção que lida com um mundo capitalista em crise, em uma situação de preponderância do capital financeiro e de aumento da desigualdade social nas grandes cidades. Para Marte-Wood, Colson Whitehead consegue lidar, a partir de uma combinação entre romance histórico e ficção especulativa, com afetos postos por uma situação de colapso capitalista:

A intuicionista historiciza o presente com sucesso. Ele classifica a ordinariade afetiva da crise econômica contemporânea, precisamente retratando a interpenetração do consumo e da produção capitalista. O romance de Whitehead ilustra a habilidade da literatura do século vinte e um para representar e ver além da miopia do lado da demanda do consumo. (MARTE-WOOD, 2019, p. 201).¹

Concordamos com esta afirmação, ainda que a obra de Whitehead tenha sido publicada em 1999, um detalhe menor, visto que o conjunto do diagnóstico permanece correto. Nessa leitura alegórica, os elevadores registrariam simbolicamente a rotina cíclica do capital, de subida e queda em sua normalidade, até a crise do Elevador Onze, evento que dá início ao conflito central da narrativa e que coloca Lila Mae em uma posição de risco. Este evento seria como a crise capitalista que alteraria a situação de normalidade econômica e colocaria a protagonista na busca pela construção de uma "Teoria da crise".

¹ "*The Intuitionist* successfully historicizes the present. It indexes the affective ordinarieness of contemporary economic crises, precisely by depicting the interpenetration of capitalist production and consumption. Whitehead's novel illustrates twenty-first-century literature's ability to represent and see beyond the demand-side myopia of consumption. "

Saldívar, por sua vez, caracteriza *A intuicionista* como um romance afrofuturista, ou uma Ficção especulativa negra (SALDÍVAR, 2013, p.8), um gênero que tem se desenvolvido nas mãos da geração de escritores a que pertence Whitehead:

Como um produto da era Pós-Movimentos pelos Direitos Civis, Whitehead fala sobre a luta por justiça racial na América não de uma perspectiva de um participante nas lutas por Direitos civis dos anos 1940, 1950 e 1960 — não da posição da memória, em outras palavras — mas da posição de alguém para quem aquelas lutas são um elemento da história, uma história distante cujos dias heroicos parecem, tristemente, terem passado. (SALDÍVAR, 2013, p.7, nossa tradução).²

O principal elemento estranho/moderno dentro deste mundo multitemporal são os elevadores. Lila Mae, a protagonista, é a primeira mulher negra a trabalhar no departamento de inspeção de elevadores. Sofre o preconceito e deve seguir uma linha muito rígida de comportamento público, o que não impede que seus colegas de trabalho a vejam com desconfiança. No romance, os elevadores são meios de transporte avançados, e a sociedade percorreu um grande progresso tecnológico com seu desenvolvimento, possibilitando a construção de prédios muito altos e um deslocamento vertical impressionante.

Para adicionar um ainda maior senso de exclusão social à personagem, a protagonista pertence ao grupo dos intuicionistas, uma minoria entre os inspetores de elevadores. Diferente dos empiristas, que desmontam as peças de elevador e as analisam cautelosamente com uma metodologia hiper-racional, os intuicionistas conectam-se de forma intuitiva com o elevador como se este fosse um todo, em uma metodologia de sensibilidade elevada e de concentração quase transcendental. Lila Mae é portanto triplamente excluída: mulher, negra e intuicionista.

A intriga começa quando um elevador que Lila Mae Watson teria inspecionado sofre um defeito e desaba, felizmente não ferindo ninguém gravemente. Acidentes com elevadores são raros, o que a coloca sob suspeita. Pior: ela se vê envolvida na disputa entre

² "As a product of the post-Civil Rights Movement era, Whitehead speaks about the struggle for racial justice in America not from the perspective of a participant in the Civil Rights struggles of the 1940's, '50's and '60's—not from the position of memory, in other words—but from the position of someone for whom that struggle is an element of history, a distant history whose heroic days seem, sadly, to have passed".

os candidatos ao cargo de presidente da associação dos inspetores de elevadores, disputa que se dá, obviamente, entre a facção dos empiristas e a dos intuicionistas. Tudo leva a crer no início do romance que Lila Mae foi alvo de uma sabotagem com o objetivo de prejudicar os intuicionistas.

Os elevadores, no contexto de um thriller Noir e também político, sugerem a metáfora ao redor da ascensão e do respeito social, cujo progresso e a tecnologia podem prometer, mas provavelmente frustrar. Para Nadine Knight, o romance

critica a noção de que avanços puramente tecnológicos em vigilância ou construção civil irão consertar cidades partidas. A fim de prever o colapso metafórico e físico das cidades americanas estes trabalhos [a autora se refere no artigo que estamos citando tanto ao romance *A intuicionista* quanto à série televisiva *The Wire*] sugerem que nós devemos reconhecer a importância (...) da palavra escrita no sentido de restaurar voz e visibilidade à classe baixa urbana (KNIGHT, 2015, p.1, nossa tradução).³

Já para Madhu Dubey, a importância do romance de Whitehead está também em revelar os afro-americanos como os arquitetos ocultos das cidades modernas (DUBEY, 2003, p.249).

Durante vários momentos do romance os espaços e situações que Lila Mae enfrenta levam a conflitos sobre a questão racial. Em uma cena, a protagonista se disfarça de empregada e passa despercebida, invisível, pelos próprios colegas de trabalho. Em outro momento, a visão equivocada da protagonista a direciona a suspeitar de Pompey, seu colega de trabalho e primeiro negro da história a trabalhar como inspetor de elevadores. Lila o percebe como um "Pai Tomás", um negro a serviço da casa grande, o que se mostra uma percepção estereotipada e longe da verdade. Outro momento de equívoco de Lila Mae ligado também à questão racial está no seu contato com um personagem que ela pensava ser um reles empregado e se revela posteriormente como um funcionário do auto escalão da Arbo, uma das grandes companhias de elevador. São situações que abordam de forma inteligente as dificuldades de ascensão da população negra em uma sociedade de classes e racista.

³" critique the notion that purely technological advances in surveillance or building construction will fix broken cities. In order to prevent the physical and metaphorical collapse of American cities, these works suggest that we must recognize the importance (...) the written word in order to restore visibility and voice to the urban underclass."

O objeto que Lila Mae precisa buscar, enquanto aguarda por elementos que possam garantir sua inocência, é o artefato chamado de caixa preta. Dispondo dele seria possível construir elevadores ainda mais avançados e promover uma nova expansão da técnica e do desenvolvimento, a segunda elevação. Este artefato teria sido elaborado por James Fulton, o autor dos dois principais tomos de orientação dos intuicionistas, os volumes 1 e 2 dos "Elevadores teóricos", uma bíblia lida e relida constantemente por Lila Mae, que durante a faculdade buscava até mesmo imitar o estilo de escrita de sua grande referência intelectual. A necessidade de provar a própria inocência leva a protagonista a conversar com a Sra. Rogers, ex-mulher de Fulton, uma mulher negra que para muitos não passaria de uma empregada do escritor, adicionando mais um elemento à questão já mencionada dos estereótipos raciais e dos "enganos" cometidos por uma ótica racista.

Conforme a narrativa se desenvolve uma problemática maior se abre em torno dos tomos intuicionistas, questionando os personagens sobre a forma como estes textos deveriam ser interpretados. Descobre-se que Fulton era um negro que ao longo da vida se fez passar por branco. Dispondo dessa informação, Lila Mae passa a ter motivos para acreditar que os tomos não são apenas sobre a arte dos elevadores, mas lidam de forma codificada com a questão racial nos Estados Unidos, são uma mensagem para superar a segregação e construir um regime social mais elevado. Mas isto é realmente um problema colocado pelo texto ou é uma questão trazida pelo olhar de Lila Mae? Tornando-se uma alegoria social, os tomos se transformam; como nos textos sagrados, como nas grandes obras filosóficas, a leitura torna-se uma atividade produtiva. Questões a respeito do caráter alegórico da leitura e sobre a própria atividade de interpretar um texto fazem parte da trama e dos problemas subjetivos da protagonista.

Como bem define Alison Russell, *A intuicionista* é "uma anti-história de detetives pós-moderna, que investiga o processo de percepção e a natureza do aprendizado" (RUSSEL, 2007, p.3). Nadime Knight, por sua vez, destaca o quanto este movimento se conecta à tradição da narrativa escrava, que em muitas histórias conta as desventuras de um escravo que ao ser alfabetizado entra em contato com um "conhecimento proibido que, ao

menos inicialmente, deveria estar oculto do mundo branco" (KNIGHT, 2015, p.8)⁴. Mas aqui, Knight destaca, o contato com a escrita não serve como uma libertação para Lila Mae. Ao contrário, a insere em situação mais difícil, a de seguir adiante o projeto de James Fulton, ao mesmo tempo que exige que ela se esconda para se proteger de forças poderosas.

Posteriormente descobrimos que uma conspiração realmente existia, mas ela se revela muito diferente das expectativas que construímos como leitores, contaminados pelas impressões de Lila Mae através do recurso do discurso indireto livre. As voltas anticlimáticas nos surpreendem por revelar que os mistérios estavam em outro lugar muito diferente de onde estávamos procurando. Lila Mae erra diversas vezes e suas intuições se mostram equivocadas, mas ela ainda assim consegue ter acesso aos manuscritos da parte final dos Tomos de Fulton, encontrando-se na missão e possibilidade de terminá-los. Até mesmo seu nome, que aparece escrito nos rascunhos de Fulton, e desperta o interesse de outras pessoas em torno dela, parece ter sido fruto de puro acaso, apenas uma anotação do professor para se recordar da única menina negra na graduação que mantinha a luz ligada até tarde, focada nos estudos. Mais uma vez, o comprometimento de Lila Mae e seu engajamento com os manuscritos é que podem fazer pender a balança, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de tudo ter sido apenas fruto da sorte. Além disso, fica no ar se todo o esforço intelectual de James Fulton em torno do intuicionismo não teria sido uma piada que passou a ser levada a sério, uma brincadeira, talvez uma vingança do homem negro e intelectual contra uma tecnocracia branca. Saldívar considera que esse giro em torno da "piada" de James Fulton é muito importante para entender todo o movimento de parabasis que guia o romance de Whitehead. Na tradição da comédia grega, a parabasis se dá quando os atores abandonam o palco e o coro se dirige diretamente ao público, abordando tópicos sem relação com o que estava sendo encenado e muitas vezes encarnando a voz do próprio autor⁵. No sentido aqui empregado por Saldívar, entende-se que A intuicionista não se vale da ironia tipicamente pós-moderna, mas a ultrapassa, não mais buscando dizer algo cujo significado é contrário ao que se enuncia; aqui, o intuito é perpetuamente "girar da ilusão

⁴ "a forbidden knowledge that must, at least initially, be hidden from the white world."

⁵ Cf. a página da Wikipédia: <https://bit.ly/2E3qnSj>. Acessado em 30/11/2018.

para a realidade e de volta" (SALDÍVAR, 2013, p.13, nossa tradução)⁶. Portanto, ainda para Saldívar, o romance de Colson Whitehead não é uma paródia do romance Noir, mas um outro tipo de realismo especulativo, aqui batizado de parabasis pós-racial, termo empregado de forma irônica para designar um tipo de ficção que teria surgido recentemente nos Estados Unidos, por uma geração de escritores que não viveu as lutas do século XX diretamente, mas escreve sobre elas como eventos históricos de importância.

Uma outra leitura interessante é fornecida por Alison Russel, ao explorar a carga simbólica por trás do nome de Lila Mae. Lila, na mitologia hindu significa jogo divino e para os hebreus significa "noite" (RUSSEL, 2007, p.14). Sua função no romance, decifrando os tomos de James Fulter, pode ser comparada ao do deus Hermes, o deus mensageiro da mitologia grega, ou o exu da mitologia africana, responsável pelos processos interpretativos e a abertura de caminhos, exatamente o que Lila faz ao se debruçar sobre os textos. Russel lembra também que Hermes é uma tradução para a divindade egípcia Toth, que é uma divindade lunar (diversas vezes na narrativa Lila Mae é comparada à lua), um deus associado com a escrita, a magia e a sabedoria (Idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intuicionista é um romance que nos leva a refletir sobre como os erros e acasos são produtivos, oferecem interpretações e saídas práticas; sobre como o leitor é parte, no corpo a corpo com a obra, da construção de sua força. É interessante que do que parece ser um romance de crítica social o livro escancare, na sua metade final, sua preocupação em expor uma teoria da leitura e da interpretação e também da tradição, já que a protagonista parece continuar o legado de quem ela pessoalmente não conheceu muito bem, mas ao mesmo tempo admirava intelectualmente e desde desde sua graduação buscava emular em estilo. A tradição é passada adiante, mas em uma situação instável. O erro, a traição, o desvio, a contingência e o equívoco são apresentados aqui como fonte de descobertas. Aquilo que é o novo surge da imitação, da tentativa, quase sempre errada e diferente, de copiar. É como

⁶ "turn from illusion to reality and back again".

uma corrida de enganos: não sabe-se a princípio o que o autor, que está perdido para sempre, gostaria de dizer; ela também não sabe exatamente o que vai encontrar, mas segue em frente tentando ser fiel ao máximo a Fulton, ou a sua imagem de seu referencial teórico, e entre o ato de manter-se fiel a ele e a impossibilidade de tal fidelidade sequer existir, sua pesquisa avança e o livro que estamos lendo se encerra. A Sra. Rogers chega a revelar que o primeiro volume dos Tomos dos intuicionistas surgira como uma brincadeira, que ninguém entendeu a princípio.

E no fim das contas, o intuicionismo é uma nova doutrina ou uma piada? Uma doutrina séria pode surgir de uma brincadeira? Manuscritos que ela completará, na escuridão de seu quarto, se confundirão com a pena do autor, questionando também a estabilidade do nome próprio que representa uma obra. Do gesto de repetir Fulton é que possivelmente nascerá o novo, porque repeti-lo, neste caso, necessariamente envolve também um movimento de traição e seguir em frente: um gesto de criação e de continuidade.

REFERÊNCIAS

- WHITEHEAD, Colson. **A intuicionista**. 1.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- DUBEY, Madhu. **Sign and cities: Black literary postmodernism**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- FISHER, Mark. **Ghosts of my life: Writings on depression, hauntology and lost futures**. London: Zero books, 2014.
- BROUILLETTE, Sarah. Nigels, Mathias. Sauri, Emílio (org.). **Literature and the Global Contemporary**. Switzzlerland: Palgrave Macmillan, 2017.
- SEYBOLD, Matt. Chiraha, Michelle. **The Routledge company to literature and economics**. New York: Routledge, 2019.
- SALDÍVAR, Ramón. The Second Elevation of the Novel: Race, Form and the Postrace Aesthetic in Contemporary Narrative. **Narrative**, v. 21, n° 1, pp. 1-18, Jan. 2013.

KNIGHT, Nadine. "It's a New Day"- The Intuitionist, The Wire, and Prophetic Tradition. *MELUS- Multi-Ethnic Literature of the United States* v. 40, n° 4, p. 28-45. dez. 2015.

RUSSELL, Alison. Recalibrating the Past- Colson Whitehead's The Intuitionist. *Critique Studies in Contemporary Fiction* v. 49, n° 1, p. 46-60. Ago. 2007